

exerce uma pressão: toda leitura escreve, toda escritura lê. "Toute mise en page représente et pratique une conception du langage à découvrir. Qu'elle en est le spectacle, le metasingne" (4). Autonomia semiótica e determinação social equilibram-se, assim, nessa operação de leitura que não cristaliza uma "produção textual vanguardista" mas nos mostra até que ponto a escritura de vanguarda é um processo que dialoga com determinações estéticas e históricas. Nesse processo, a criação passa a ser não essencial em relação à atividade criadora, aquilo que Sartre chamava a dialética do pião e que poderíamos traduzir como a dialética do peão.

NOTAS

- (1) in SORRENTINO, Fernando - Siete conversaciones con Jorge Luis Borges. Buenos Aires, Pardo, 1973, p.17.
- (2) MITTERAND, Henri - "Critique génétique et histoire culturelle" in HAY, Louis (ed) - La naissance du texte. Paris, Corti, 1989, p.147-162.
- (3) BOURDIEU, Pierre - Coisas ditas. Trad. Cassia da Silveira e D.M.Pegorim. S.Paulo, Brasiliense, 1990, p.137.
- (4) MESCHONIC, Henri - Critique du rythme. Lagrasse, Verdier, 1982, p.303 (Há uma versão prévia em Littérature, 35, out.1979 com o título "L'enjeu du langage dans la typographie").

A REELABORAÇÃO DE TEXTOS PUBLICADOS NA REVISTA "O CRUZEIRO"

ADYLLA ROCHA RABELLO

RESUMO - Neste estudo, apresentamos a reelaboração do discurso das crônicas "Sem me rir, sem chorar", publicadas por José Américo de Almeida na revista O CRUZEIRO, do Rio de Janeiro, em 1957.

Para melhor demonstrar o processo, utilizamos fragmentos de três crônicas que melhor se prestam à exemplificação, por conterem diversos tipos de rasura que caracterizam a recriação desses textos.

ABSTRACT - In this study we present the reelaboration of the discourse of "Sem me rir, sem chorar", "crônicas" published by José Américo de Almeida in CRUZEIRO magazine, Rio de Janeiro, 1957.

To show this process, we made use of fragments of three chronicles that best exemplify it because they show the various types of changes that characterize the new writing of these texts.

RÉSUMÉ - Dans cette étude nous présentons la ré-élaboration du discours des chroniques "Sem me rir, sem chorar" publiées par José Américo de Almeida dans la revue O CRUZEIRO, de

ADYLLA ROCHA RABELLO é Mestra em Letras (UFPb) e Pesquisadora do projeto "Dicionário Literário da Paraíba" (UFPb), coordenado por Idelette Fonseca dos Santos.

Rio de Janeiro, en 1957.

Pour bien montrer le processus, nous avons utilisé des fragments de trois chroniques qui se prêtent le mieux à l'exemplifier puisqu'elles présentent les divers types de ratures qui caractérisent la re-création de ces textes.

O processo de reformulação do discurso começa nos manuscritos, muitas vezes, porém ultrapassa a fase que antecede à publicação e continua numa etapa subsequente.

Na obra de José Américo de Almeida, particularmente na série de crônicas intitulada "Sem me rir, sem chorar", publicada na revista O CRUZEIRO, do Rio de Janeiro, em 1957, constata-se essa espécie de ocorrência. Nas páginas desse periódico, constantes do espólio do autor, arquivados na Fundação Casa de José Américo em João Pessoa-PB, detectamos vários tipos de rasura e modalidades de escrita que nos permitiram analisar a reelaboração dos textos, assim como a cronologia desse processo.

A recriação desse discurso nos remete para a proposta de Jacques Petit, quando considera a publicação em revista como um último "avant-texte", uma espécie de ensaio antes da publicação em livro; "eu veria ali, de bom grado, um último estado do borrão, visto que o autor pretende revê-lo, todavia a modificação, dos primeiros esboços à edição, teriam o mesmo estatuto" (1).

José Américo costumava voltar aos seus textos, mesmo publicados em livro como é o caso do romance A bagaceira, que após ser publicado em 1928, foi reelaborado até a oitava edição, quando o autor emitiu uma documentação para a José Olympio Editora, em que afirmava sua decisão de não mais alterar a narrativa do romance.

Falando sobre a construção dessa obra a João Condé, para a sessão "Arquivos Implacáveis" na revista O CRUZEIRO, José Américo demonstra a evolução do seu processo criativo, na tentativa de estirpar de seu discurso as marcas do tempo:

"Como fiz este romance ?

Vou dizer. Primeiro fiz um monstro de todos os materiais que, conforme eu sentia, eram partes do meu corpo e de sua alma: o Sol, a lama, os instintos, o destino...

Depois guardei-o, envergonhado, até me esquecer dele. E, quando tive de revê-lo, já não era o autor, mas o crítico de mim mesmo. Desbastei-o, então, com a rasura cruel de quem não tem pena de

sacrificar o que é seu. E guardei-o, novamente, para repetir a experiência duas, três vezes, até que ficou no que é.

Agora estou certo de que, se tivesse carregado mais a mão, deixando-o sem nenhuma roupagem de seu tempo, quase nu, ele seria mais sincero e duradouro."

Essa mesma busca de perenidade deve ter orientado a atitude revisionista de José Américo nas crônicas "Sem me rir, sem chorar". Nesse caso ele não deixou nenhum documento esclarecendo o que pretendia ao reelaborar esses textos, conquanto a publicação de três crônicas da série, no livro de memórias Eu e eles em 1970, venha confirmar* propósitos semelhantes.

A existência de alguns manuscritos dessas crônicas e de páginas da revista com marcas de reelaboração, nos arquivos da Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa-PB, motivou a escolha do **corpus** de nossa dissertação de mestrado, intitulada O Prototexto das crônicas "Sem me rir, sem chorar" : José Américo de Almeida nos bastidores, defendida no mês de abril de 1989, na Universidade Federal da Paraíba.

AS CHAMADAS DA CORREÇÃO

Ao ser publicada na revista O CRUZEIRO, de 29 de junho a 28 de dezembro de 1957, a série de crônicas recebeu, além de um título particular para cada texto, um número em algarismos romanos, o que lhes confere o aspecto de capítulos.

A partir da publicação na revista, os textos foram novamente reelaborados pelo autor que na retomada da construção, usando lápis comum e tinta azul, faz surgir vários tipos de rasura.

Nas páginas do periódico, encontramos traços que classificamos de **rasuras simples**, **rasuras superpostas**, **rasuras incrustadas** e **acrécimos**.

As **rasuras simples** são cortes de um ou mais vocábulos - seguidos ou não de **acrécimos** - feitos com um só tipo de escrita, o que demonstra uma única atitude revisionista do au-

tor.

Nas **rasuras superpostas**, nota-se uma volta do autor ao termo - ou termos - rasurados, pois observam-se traços de duas correções: uma a lápis comum e outra a tinta.

As **rasuras incrustadas** também caracterizam-se por uma dupla reelaboração, se bem que a reincidência do corte seja apenas ambiental, considerando-se que a rasura já definida é encampada numa segunda revisão, por estar incrustada num contexto que o autor resolve retirar por inteiro.

Os três tipos de rasura nos permitem estabelecer pesos diferentes entre os trechos eliminados. A primeira, **rasura simples**, demonstra um peso maior, pois é uma decisão assumida pelo autor que é mantida em todoo decorrer do processo. A segunda, **rasura superposta**, pela própria confirmação, através dos traços no mesmo contexto, revela uma indecisão do autor no primeiro momento, o que confere a essa rasura um peso inferior à primeira. A terceira, **rasura incrustada**, teria um peso intermediário, pois a princípio tem valor de rasura simples, para em seguida tomar outra caracterização.

Para demonstrar esse processo de reconstrução do discurso em textos publicados escolhemos alguns fragmentos analisados das crônicas "Pareço-me comigo", "Um mergulho no abismo" (2) e "Política" que correspondem, respectivamente, aos capítulos IV, XXII e XXV da série "Sem me rir, sem chorar", em que os diversos tipos de rasura constatados formam variantes desses textos.

A utilização de dois tipos de escrita, nessas páginas, revela ainda dois momentos do processo de revisão, pois enquanto os traços em lápis comum configuram uma atitude provisória, os riscos em tinta azul definem a vontade do autor.

Convenção estabelecida para a transcrição:

[] rasura simples [|| ||] - rasura incrustada
[[]] - rasura superposta < > - acréscimo

"Pareço-me comigo"

Texto da primeira variante (Página da revista)

(correspondendo a reelaboração a lápis)

"Os que não tinham com que comprar a fantasia tro-

cavam os papéis, as mulheres vestindo calças e os homens de saia, mudança de traje que, se as aparências não enganam revolucionam os costumes [dando mais liberdade para um sexo e exigindo mais tolerância do outro] A mulherada via nos marmanjos enxertados de contornos femininos suas próprias fraquezas.

E as críticas ? As críticas assim, assim... Era do que eu gostava, sendo bem feitas, como caricaturas vivas que fazem rir a sua própria imagem."

Texto da segunda variante (página da revista)
(correspondendo a reelaboração à tinta)

"Os que não tinham com que comprar a fantasia trocavam os papéis as mulheres vestindo calças e os homens de saia, [mudança de traje que, se as aparências não enganam revolucionam os costumes || dando mais liberdade para um sexo e exigindo mais tolerância do outro ||] A mulherada via nos marmanjos enxertados de contornos femininos suas próprias fraquezas.

E as críticas ? [As críticas a] < A > ssim assim... Era do que eu gostava, [sendo bem feitas,] como caricaturas vivas que fazem rir a sua própria imagem."

"Política"

Texto da primeira variante

(comprovada pelos traços a tinta)

"[Foi t] < T > udo espontâneo, sem nenhuma organização, como um movimento de rua, que não tem dono e é de todos.

[Diziam os despeitados que era a cidade, e o sertão é que me devia tudo].

Depois dessa manifestação, num dia crítico para muitos governantes, [de uma glorificação que me deixou os olhos úmidos,] tanto me sensibilizou,

que mais desejaria na vida pública, senão a lembrança do último ato ?

A Paraíba rebelde e irreverente convertera numa chave de ouro meu fim de carreira. [E não foram somente os estudantes e o povo ; as classes conservadoras da capital e de Campina Grande preparavam-me grandes demonstrações de aprêço, inclusive banquetes, cujo adiamento solicitei, como meio mais elegante de evitá-las, por uma questão de temperamento.]"

Texto da segunda variante

(comprovada pelas chaves)

" [Foi t] < T > udo espontâneo, sem nenhuma organização, como um movimento de rua, que não tem dono e é de todos.

[[Diziam os despeitados que era a cidade e o sertão é que me devia tudo.]]

[Depois dessa manifestação, num dia crítico para muitos governantes, || de uma glorificação que me deixou os olhos úmidos || tanto me sensibilizou, que mais desejaria na vida pública, senão a lembrança do último ato ?]

A Paraíba rebelde e irreverente convertera numa chave de ouro meu fim de carreira. [|| E não foram somente os estudantes e o povo, as classes conservadoras da capital e de Campina Grande preparavam-me grandes demonstrações de aprêço, inclusive banquetes, cujo adiamento solicitei, como meio mais elegante de evitá-las, por uma questão de temperamento. ||]"

Nesse fragmento da crônica "Política", através da diversidade dos traços de reelaboração, constatamos duas leituras do autor, na tentativa de recriar o texto publicado.

Em princípio, ele suprime trechos explicativos para tornar a narrativa mais substantiva, quando faz surgir **rasuras simples**, sem acréscimos, que vão compor a primeira variante.

Entre os cortes dessa fase inicial, nota-se um certo pudor do autor ao ocultar um sentimento íntimo, uma emoção forte que se arrependera ter confessado publicamente.

"Depois dessa manifestação num dia crítico para muitos governantes, [de uma glorificação que me deixou os olhos úmidos,] tanto me sensibilizou, que mais desejaria na vida pública, senão a lembrança do último ato?"

Na leitura desse discurso nostálgico, o autor deve ter percebido que o verbo sensibilizar tem carga semântica suficiente para configurar seu pensamento sem peiguismos.

Na segunda variante, se bem que não satisfeito ainda, o autor mantém a rasura da frase inicial, mas no segundo parágrafo ratifica a **rasura simples**, construindo dessa forma uma **rasura superposta**. Dando continuidade a essa fase, ele rasura o terceiro parágrafo por inteiro em que já havia uma **rasura simples**, que nesse novo contexto passa a **rasura incrustada**. No quarto parágrafo, o autor mantém a rasura traçada na fase anterior, estabelecendo uma grande **rasura superposta**. Desse parágrafo ele conserva apenas a oração inicial que, juntamente com a frase nominal mantida (início do fragmento), resume a mensagem que o autor pretende traduzir.

"Tudo espontâneo sem nenhuma organização, como um movimento de rua, que não tem dono e é de todos.

A Paraíba rebelde e irreverente convertera numa chave de ouro meu fim de carreira."

"Um mergulho no abismo"

No primeiro momento, detectado através dos traços a lápis comum, José Américo faz apenas uma discreta revisão do texto, apesar de nessa modalidade de reescrita haver uma anotação muito importante localizada na margem superior - entre o título e a narrativa - em que se lê (faltando o XX). Essa observação levou-nos a constatar que o texto da crônica "Boca de praga", vigésimo capítulo da série "Sem me rir, sem chorar", havia sido integrado ao texto "Um mergulho no abismo", para compor um capítulo de outra obra do escritor.

Num segundo momento, porém, surge com farta reelaboração em tinta azul, em que se destacam outras marcas singulares do processo de reelaboração desse texto: predomínio de **rasuras simples**; ausência de chaves; ausência de **rasuras superpostas e incrustadas**; abundância de acréscimos nas entrelinhas e margens; alteração do título do texto; eliminação do título da série; eliminação do nome do autor; eliminação das quinze linhas iniciais.

Todas essas ocorrências configuram uma variante do texto, publicada, como já falamos anteriormente, em um dos livros de memória do autor: Eu e Eles. Nessa publicação José Américo apresenta a crônica "Um mergulho no abismo" já enriquecida com o texto "Boca de praga" que, com algumas modificações, funciona como exórdio do novo texto, descrevendo incidentes e peripécias anteriores ao desastre aéreo, tema da crônica, e que de maneira sintética estavam contidos nas quinze linhas suprimidas. Esse resumo funciona como cadeia anafórica, vez que o leitor da revista já conhecia a história do "Boca de praga", contada em capítulo anterior, enquanto no livro, sem a amálgama dos textos, a alusão a "boca de praga do vale do Jaguaribe" não teria sentido.

Os cortes que predominam na reelaboração desse texto visam principalmente à maior definição do fato narrado, a começar do próprio título, em que a mudança do artigo indefinido **um** pelo definido **o**, classifica o substantivo **mergulho** como um fato único, e não um entre vários. Todavia, essa modificação não foi observada no capítulo do livro de memórias, em que o título aparece como foi publicado no periódico.

"[Um] < 0 > mergulho no abismo"

Outra marca da reelaboração, nesse texto, é a supressão de termos explicativos, evitando a onisciência do narrador, e ainda confirmações óbvias ou dispensáveis. Esse procedimento é um traço de modernidade do autor que, desse modo, permite ao leitor fazer preenchimentos na narrativa a partir de seu universo intelectual.

"Sondou o horizonte e sua fisionomia trans-
formou-se, [demonstrando certa ansiedade]."

Voltou ao lugar e, como o ruído dos motores impedia que fôsse ouvido, [abafando tôdas as vozes], rabiscou um bilhete: 'Viajamos dentro da noite'

Também descobri a escuridão [como] um passaro prêto estendido [nessa] <na> rota. [Não conseguindo falar, por causa do barulho, recordava a odisséia das avalanchas famintas. Pesava-me nos ombros a carga das responsabilidades mais duras de minha vida trabalhosa]"

Os acréscimos comprovam diferentes atitudes de reelaboração. Além da pista, muito importante, que nos remeteu a outro texto, ora substituem ou enriquecem um termo, não muito específico, ora completam a narrativa.

"Não era dado, sequer, no ambiente fechado, apreciar a costa, <recortada> [aligeirando as horas.]

Usava os óculos caricaturais, de [vidro] <lentes> espess[o] <a>s que pouco adiantavam.

Nada faltou, sem precisar que o governo a que servia gastasse um real com o tratamento. <Ainda paguei do meu bolso a massagista.>"

Os diversos traços de reelaboração nessa crônica denotam a preocupação do autor com um texto que deverá ser perenizado em livro, pois evitam certas formas coloquiais, que caracterizam a crônica como gênero leve e fugaz.

As modificações encontradas na página da revista, porém, diferem um pouco do texto estampado na obra publicada, levando-nos a crer que a versão enviada à editora ainda sofreu pequenas alterações, cuja variante não consta do arquivo do autor.

Desse modo José Américo percorre toda a crônica sempre eliminando explicações, comentários, adjetivos, etc, revelando nessa redução a procura de uma forma mais escorreita, mais substantiva, para compor o novo texto. As diversas tentativas de reelaboração, registradas nos textos publicados, denotam uma atitude crítica do autor, buscando adaptar um discurso do passado às exigências da estética atual.

NOTAS

- (1) PETIT, Jacques - Le grand cataclysme des corrections. Note sur des manuscrits de Green et Mauriac. LITTERATURE: Genèse du Texte, Paris, Larousse, 28: 40-49, 1977.
- (2) Por apresentar algumas características particulares, o fragmento desse texto será analisado no final, diferindo, portanto, da ordem de publicação.

*